

GONÇALVES DIAS: BIOGRAFIA E INDIANISMO ATRAVÉS DO POEMA I-JUCA-PIRAMA

OLIVEIRA, Gleise Ferreira de
gleiseferreiraoliveira@yahoo.com.br

SANTOS, Irlas Evelline de Carvalho
irllas@gmail.com

SILVA, Manuela Oliveira
manuba_aju@hotmail.com

SOUZA, Josefa Eliana (Orientadora)
Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Fez Licenciatura, Bacharelado em História e o Mestrado em Educação na Universidade Federal de Sergipe.
elianasergipe@uol.com.br

RESUMO

A finalidade deste artigo é apresentar o poeta Gonçalves Dias, sua biografia e seus feitos literários que tanto contribuíram para o enriquecimento da literatura brasileira. Nele o indianismo é apresentado de maneira original e nacionalista, fazendo uma comparação entre o que é descrito no poema e a realidade histórica das tribos dos Timbiras e Tupis. Neste sentido, o poema de Dias e suas obras que tratam da cultura indígena foram significativas para compreender a diversidade das interpretações - a poética e a histórica. Sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, professor de latim e História do Brasil do Colégio Pedro I, redator da revista Guanabara, Dias fez vários estudos no Brasil e na Europa, a convite do Imperador, sobre a etnografia e a lingüística ameríndia, principalmente o Tupi, criando, inclusive, um dicionário da língua tupi.

Palavras-chave: Gonçalves Dias, indianismo, literatura, cultura, diversidade.

GONÇALVES DIAS: VIDA E OBRA

A finalidade deste artigo é apresentar o poeta Gonçalves Dias, sua biografia e seus feitos literários, que tanto contribuíram para o enriquecimento da literatura brasileira. Para realizar esta tarefa, utilizamos como referencial teórico Antonio Cândido (1997), Alfredo Bosi (1994) e Afrânio Coutinho (1997).

Considerado um dos maiores poetas do Brasil, Antônio Gonçalves Dias nasceu em Minas Gerais, no ano de 1823. Filho do comerciante português João Manoel Gonçalves Dias e Vivência Mendes Ferreira, uma mestiça de índio e negro, orgulhava-se de possuir nas veias o sangue das três raças que formavam o povo brasileiro.

Um mês depois do nascimento de Dias, seu pai fora obrigado a refugiar-se em Portugal, por ter se envolvido nas lutas de independência a favor dos portugueses. Seu pai retorna a Caxias por volta de 1825 e reinicia seu comércio instalando-se com Vivência, na Rua do Cisco.

Muito mimado pela mãe, Dias é tratado com muita severidade pelo pai que o coloca, ainda criança, para trabalhar como caixeiro e na escrituração de sua loja. Sr. Manoel mantinha um relacionamento extraconjugal com Adelaide Ramos de Almeida, e decide casar-se com ela. Dona Vivência é obrigada a abandonar sua casa e seu filho. Proibido de ver sua mãe, Dias só voltaria a reencontrá-la em 1845, aos 22 anos.

Apesar de muito severo, Sr. Manoel amava muito o filho. Ao perceber o interesse do menino pelas letras, resolve tirá-lo do balcão, matriculá-lo em aulas de latim, francês e filosofia, com o professor Ricardo Leão Sabino. Este foi de fundamental importância na educação de Dias. Assim que percebeu sua capacidade intelectual, convenceu o Sr. Manoel a levar o garoto, de apenas quatorze anos, para estudar em Coimbra. Mas Gonçalves Dias não consegue completar a viagem; seu pai, já doente, morre ainda em Maranhão.

Graças à ajuda que tivera do professor Sabino, que junto ao Dr. Antônio Fernandes Junior (Juiz de Direito da comarca), o coronel João Paulo Dias Carneiro, e os Drs. Luís Paulino Costa Lobo e Gonçalo da Silva Porto induzem dona Adelaide a realizar o desejo do marido, colocando-se à disposição até mesmo para custear as despesas de Dias em Coimbra, o que foi imediatamente recusado pela viúva.

Dias finalmente consegue viajar para Coimbra. Os anos que passou lá foram de grandes dificuldades, principalmente financeiras. Eclode a Balaiada no Maranhão e dona Adelaide tem seus bens confiscados. Por esse motivo ela escreve uma carta a Dias mandando que ele volte ao Brasil, pois tinha mais recursos para mantê-lo em Portugal. Dias responde a essa carta solicitando que dona Adelaide faça um empréstimo que possa custear suas despesas até o final de seu curso. Nesta carta, pode-se verificar a frieza existente na relação entre Dias e a madrasta, e também a dignidade do garoto, que em nenhum momento se expressou com tom de pedinte. Sua solicitação foi negada.

Dias passa a contar com a ajuda financeira de seus amigos brasileiros que também viviam em Coimbra, em especial, Alexandre Teófilo de Carvalho Leal, e graças a essa ajuda ele consegue se manter em Coimbra e ingressar na faculdade em 1840, com apenas dezessete anos.

Sua primeira poesia, dedicada a coroação do atual Imperador, era considerada fraca, mas chamava a atenção o fato de um garoto de apenas dezessete anos ter domínio nas regras de decassílabos. Ela foi recitada em uma festa organizada pelos estudantes para comemorar essa coroação. “No mais empenhado do febril entusiasmo daquela mocidade”, narra Leal, “Levanta-se Gonçalves Dias, cujo dom era sabido de mui raros, e todo envergonhado e de olhos baixos, recita arrebatada poesia”.

Nos anos de 1842 e 1843, Gonçalves Dias fez dois romances intitulados: “As Memórias de Agapito Goiaba”, “A Imitação do Joseph Delorme” e poemas como “Canção do Exílio” e “Inocência”.

Gonçalves Dias sempre recusou os convites para publicar suas obras no jornal “O Trovador”, parecia que ele os estava guardando para expor no Brasil. Até que um dia um redator pediu sua ajuda. Ele precisava fechar a matéria do jornal e ainda faltavam cinquenta linhas. Dias, para ajudar o amigo, lhe entregou o poema “Inocência”. Esta foi sua primeira obra publicada.

Após concluir o curso de Direito em Coimbra, Gonçalves Dias retorna ao Brasil, instalando-se primeiro em Caxias, mas não consegue se acostumar com a vida tranqüila do interior e, a convite de Teófilo, hospeda-se na casa do amigo em São Luís. Lá Dias conhece Ana Amélia, prima e cunhada de Teófilo, este será de extrema importância na vida de Dias, nas quais mantém relação de amizade por cartas, sendo seu confidente.

Ana Amélia fica impressionada ao ver Dias. O que não era de se surpreender, afinal, Gonçalves Dias era um perfeito galanteador e sempre fora conhecido como um dos mais elegantes poetas do Romantismo, tomava proveito de tudo, era como se ele já previsse sua morte prematura: “Como me parece que minha vida literária será como os dias dos pólos, isto é, infinitamente pequena, quero fazê-la, no pouco tempo que tenho, a mais brilhante possível.” (DIAS, 1998).

Tentou destacar como dramaturgo com as obras: “Beatriz Cenci” e “Leonor de Mendonça”, mas não foram muito aceitas. Em 1846 fica pronto seu primeiro livro: “Primeiros Cantos”.

Dei o nome de “Primeiros Cantos” às poesias que agora publico, porque espero que não serão as últimas. Muitas delas não têm uniformidade nas estrofes, porque menosprezo regras de mera

convenção. Adotei todos os ritmos da metrificação portuguesa, e usei deles como me pareceram quadrar melhor com o que eu pretendia exprimir...” (DIAS, 1998).

Os amigos de Dias queriam escrever elogios ao seu trabalho nos jornais, mas o próprio não concordou, queria sua obra reconhecida por seu mérito e não por amizade. Passou-se um bom tempo sem que nenhum jornal comentasse algo sobre sua obra, mas depois que a revista “Universal Lisboense” publica uma crítica de Alexandre Herculano sobre essa obra, onde o saudava ,lamentando embora que os motivos indianistas não ocupassem nos cantos maior espaço. Surgem elogios de todos os lados, parecia uma verdadeira “Revolução Literária”.

Sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), professor de latim e História do Brasil do Colégio Pedro I, redator da revista Guanabara, Dias fez vários estudos no Brasil e na Europa, a convite do Imperador, sobre a etnografia e a lingüística ameríndia, principalmente o Tupi, criando, inclusive, um dicionário da língua tupi.

Mas junto com sua carreira crescia também sua fama de galanteador, como mostra uma de suas cartas endereçada a Teófilo, datada de 24 de fevereiro de 1848: “Sem exageração, estou agora com três belíssimos começos de namoro; são largas histórias, fica para outra vez, um deles já me rendeu talvez a mais dedicada das minhas páginas líricas, tem por título “Os Suspiros”. (DIAS, 1998).

Em 1848, Gonçalves Dias lança seu livro “Segundos Cantos”. Ele queria dedicá-lo ao seu amigo Teófilo, mas Alves Branco, então Ministro do Império e Presidente do Conselho, ignora o desejo de Dias e sugere que dedique sua obra ao Imperador ou a uma de suas princesas.

A convite do Imperador, Dias se incumba de fazer uma pesquisa direcionada ao Instituto Histórico, onde ele deveria comparar o estado dos índios da quinta parte do mundo com os do Brasil. Nesta pesquisa, Dias se destaca por não ter se deixado influenciar pelas

teses já existentes dos cientistas e pela verdade em suas conclusões, depois comprovadas por especialistas. Em uma delas, ele defendia que a cultura do índio era mais rica antes da civilização.

Por fim, Dias consegue dedicar uma de suas obras ao seu amigo Teófilo. Em 1851, fica pronto o livro “Últimos Cantos”. Nele, Dias já apresenta seu indianismo bem amadurecido.

Ainda em 1851, Dias é chamado para fazer um trabalho em algumas províncias e resolve começar pelo Maranhão, a fim de rever a família de Teófilo. Lá chegando, reencontra Ana Amélia, agora moça e ainda mais bonita.

Todos continuam a ver a relação dos dois da mesma forma que há cinco anos, mas Dias já não conseguia ficar muito tempo longe da moça e suas pesquisas tinham sempre como intervalo visitas à Ana Amélia. Foram vários os poemas que Dias escreveu inspirado em Ana. Levemos em consideração que sua poesia destaca-se por ser altamente autobiográfica, por isso seu sofrimento por um amor impossível está presente em grande parte da sua obra onde também é fato o nacionalismo presente pelo amor à pátria e a saudade por suas constantes viagens.

Ao concluir seu trabalho no Maranhão, Dias manda uma carta endereçada a Dona Lourença, mãe de Ana Amélia, pedindo a mão da moça em casamento. Ele já era, aos vinte e oito anos, conhecido em todo o Brasil e Portugal. Talvez isso o tenha feito acreditar que seu pedido seria aceito, mas Dona Lourença não aceitou que sua filha se casasse com um mestiço, e, sua recusa veio também através de uma carta com apenas quatro linhas. Ana Amélia não se conformou com a decisão de sua mãe e propôs a Dias que os dois fugissem, mas o poeta não podia trair a confiança que a família dela sempre o depositara. Pouco tempo depois, em resposta à recusa de sua mãe, Ana Amélia se casa com Domingos da Silva Porto, que tinha as

mesmas condições de nascimento e origem que Gonçalves Dias, o que constata a coragem da moça e o medo que aflorou em Dias.

Dois anos após o casamento de Ana Amélia, Dias a reencontra em Lisboa e escreve um de seus mais belos, se não o mais belo poema: “Seus Olhos”.

Fica claro que suas obras podem ser divididas em dois períodos bastante distintos: Antes e depois da recusa de seu pedido de casamento. Antes temos um poeta alegre e otimista, depois pouco foi escrito, e percebe-se muita tristeza, pessimismo e amargura.

Ao regressar desta viagem que lhe proporcionou o reencontro com Ana Amélia, o poeta encontra Olímpia, moça que conhecera em uma festa. Olímpia apaixonou-se por Dias e os dois resolvem casar-se. Mas o casamento com Olímpia, tornava-se um martírio na vida de Gonçalves Dias. Ele ainda amava Ana Amélia e isso atiçava ainda mais o ciúme de Olímpia.

Em 1854, viajam para a Europa Gonçalves Dias, Olímpia, grávida de quatro meses, e a irmã mais nova dela. A viagem tinha como objetivo, para Dias, pesquisar os métodos de instrução pública nos vários países da Europa e coligir nos arquivos estrangeiros documentos relativos a história do Brasil.

Lá nasceu Joana, filha de Dias com Olímpia. Com o nascimento da filha, e em seguida, com a descoberta de uma grave doença que limitava o tempo de vida de Joana, Dias se viu obrigado a permanecer em um casamento que a muito já perdera o sentido.

Olímpia, para melhor cuidar da saúde de Joana, resolve voltar ao Brasil, deixando Gonçalves Dias sozinho em Paris. Na despedida, “Bibi”, como era tratada por Dias, abraça o pai dizendo: “Au revoir, papa, lá-haute”. Pouco tempo depois, sua filha adquire uma pneumonia, que a leva a falecer. Dias escreve um poema intitulado “Au revoir” para homenageá-la.

Dias retorna ao Brasil em 1858, entre os vários trabalhos que também lhe serviam de pretexto para se afastar de Olímpia. Foi incumbido de estudar os indígenas do Brasil em seus aspectos físico, moral e social.

Sua saúde sempre fora muito debilitada. Aos 21 anos, teve seu primeiro ataque de reumatismo, em uma viagem ao Rio de Janeiro. Foi diagnosticado sífilis e logo após, é acometido de uma artrite.

Em 1850, adquire febre amarela, em seguida malária e logo depois é operado de escrófulas no pescoço.

Embarcou, em 1862, para o Maranhão, onde procurou um médico, que o aconselhou a fazer um tratamento na Europa. Não foi fácil, para Dias, viajar para a Europa. O comandante receava que ele não conseguisse chegar vivo devido à gravidade de seu estado, mas, por influência de alguns amigos, Dias consegue embarcar. Morre, na viagem, um dos passageiros, e chega ao Brasil a notícia de que o falecimento fora de Gonçalves Dias. Essa notícia choca todo o Brasil, que apenas fica sabendo da verdade dois meses depois, com uma carta escrita pelo próprio Gonçalves Dias (2001, p.117) na qual dizia: “É mentira! Não morri! Nem morro, nem hei de morrer nunca mais”.

Mas sua saúde ainda exigia cuidados, além dos incômodos problemas com o fígado e o reumatismo, a laringe também o preocupava. Quase afônico, procurou um médico em Bruxelas, que lhe amputou a campainha. Olímpia, preocupada com a proximidade do inverno, reúne os amigos de Dias e o convencem a voltar para o Brasil. Antes de deixar Paris, Dias escreve seus últimos versos intitulados “Minha terra!”, considerado uma segunda “Canção do Exílio”, é uma de suas obras mais fracas, mas tem a importância de resumir suas vivências no estrangeiro.

Em 09 de setembro de 1864, embarcou Gonçalves Dias de volta ao Brasil em um barco velho, onde era o único passageiro. Já no Brasil, o barco que o trazia bate em uma

concha de areia. Todos conseguem escapar, menos Gonçalves Dias, que esquecido, morre submerso em seu camarote. Seu corpo nunca fora encontrado. Em relato da tripulação, o moço da câmara fala que por várias vezes ouviu Gonçalves Dias dizer que não tinha esperança de chegar vivo ao Maranhão.

Dias sempre foi, acima de tudo, um defensor do Brasil. Seu interesse pela cultura indígena vinha desde a infância, quando morou, com sua mãe, próximo a uma aldeia. Foi apresentado ao Romantismo quando ainda estudava Direito em Coimbra. As idéias nacionalistas o agradavam e o faziam escrever poemas que exaltavam seu país, dentre eles o mais conhecido “Canção do Exílio”. Essa idéia de nacionalismo fez Dias perceber que precisávamos de um herói brasileiro, e teve como base a idéia do “Bom Selvagem”, apresentada e defendida por Rousseau. Através dela o índio deixou de ser um mero figurante e passou a ser protagonista. Chama a atenção o fato de o indianismo francês ter nascido tomando como base o índio brasileiro e depois trazido para o Brasil como produto importado. O português fica encantado com o nosso índio fazendo com que importássemos algo que já era nosso. Mas de fato, por que nenhum indianista português? Embora o primeiro documento escrito tenha sido a Carta de Vaz Caminha. Nem mesmo com a propagação do “bom selvagem” em meados do século XVII e XVIII, os escritores portugueses interessam-se mesmo é pelo índio brasileiro. Uma de suas principais obras indianistas é, sem dúvida, o poema I-Juca-Pirama.

A importância estética do I-Juca-Pirama, para compreender a poesia gonçalvina está na variedade de movimentos que integram a sua estrutura. Tomado no conjunto é uma experiência essencial romântica de poesia em movimento, em relação ao equilíbrio mais ou menos estável do poema neoclássico. Admirável, todavia, a existência, dentro da sua translação incessante, de certas áreas de repouso, quer pela parada momentânea da

coreografia, quer pela cadência vagarosa de um movimento todo vazado do modelo setecentista (CÂNDIDO, 1993, p. 76).

O INDIANISMO GONÇALVINO CITANDO O POEMA: I-JUCA-PIRAMA

Apesar de seu vasto conhecimento sobre a etnografia indígena, Dias não pôde fugir da idéia de apresentar um índio idealizado. Havia entre os Românticos a necessidade de criar um herói que se igualse aos cavaleiros medievais, por isso foi adicionado ao índio características civilizadas.

Ao iniciarmos nossos estudos em literatura e por conseqüência nos depararmos com o poema indianista I-Juca Pirama, demo-nos conta dos aspectos presentes na obra e que contribuíram para que Gonçalves Dias fosse considerado, pelos literatos, como o maior poeta indianista.

Sua visão mostra o perfil de um índio bravo e generoso, com percepções dignas de um guerreiro. Mas até onde Gonçalves Dias foi fiel ao retrato indígena citado em seu poema? Ou até mesmo até que ponto ia seu nível de conhecimento em relação a estes milhares de nativos que resistiram à tentativa colonizadora dos portugueses?

Essa questão contribuiu para que buscássemos entender a forma de Gonçalves Dias pensar e ver o índio, fazendo uma ponte com o indianismo e compará-lo com as características que a cultura indígena tinha na época, pois não há vestígios do indianismo anterior que teve como precursores Santa Rita Durão e Basílio da Gama.

Entendemos que na obra de Gonçalves Dias o indianismo é tratado de maneira originalmente brasileira e não adquiriu características importadas, pois já as possuía no sangue. Assim, não podemos perder de vista que na interpretação de Dias (1988) estavam

presentes três formas de analisar o índio brasileiro: pela herança genética do autor que tinha em seu sangue a presença das marcas indígenas (a sua mãe era filha de negro e índio). Outra vertente é o conhecimento que obteve na Amazônia no contato direto com os nativos, além dos estudos que desenvolveu acerca da cultura indígena no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB).

A partir das leituras de Antônio Cândido (1997), Alfredo Bosi (1994) e Afrânio Coutinho (1997), consideramos que no Romantismo dois grandes poetas destacaram-se por suas obras indianistas: José de Alencar e Gonçalves Dias. Citamos anteriormente a condição de inconfundível a Gonçalves Dias com relação a Alencar, a cultura indianista era retratada sobre o ponto de vista da burguesia. Alencar moldava o índio de cartão postal, fazia questão de mostrar a idolatria ao dinheiro, aos bens materiais que almejava a sociedade do novo império. Mas Dias, por suas pesquisas, escrevia a realidade do índio, aproximando-o da natureza e dos seus costumes, enquanto Alencar o levava para o convívio e a não- realidade do índio em meio à civilização.

O poema I-Juca Pirama fez com que o índio fosse respeitado dentro do seu contexto histórico. Nele, o poeta apresenta a história de um índio da tribo tupi aprisionado por outra tribo, os timbiras, que era uma tribo de canibais, onde iniciam e preparam o jovem tupi para que ocorra o sacrifício do prisioneiro.

O jovem guerreiro é considerado covarde por chorar em seu canto de morte ao perceber que deixaria seu pai cego e doente, sem ninguém, ao pedir que lhe poupem a vida. E por ter uma atitude covarde, para um jovem guerreiro, é expulso das terras dos timbiras.

O poema é formado por uma cadência extraordinária, fazendo-nos perceber uma musicalidade em decorrência do seu ritmo e sua combinação de palavras dignas de uma obra que nos prende e nos emociona a cada verso citado.

O encontro com o velho pai e o desabafo de sua atitude covarde, o faz levar o filho e entregá-lo ao chefe timbira, pois não queria viver com a humilhação do jovem tupi ter chorado perante a morte.

Podemos observar que, em seu poema, Dias classifica uma das tribos como canibal, onde captura o jovem guerreiro transformando a sentença de morte num ritual. O ritual antropofágico tem como uma das finalidades que a morte do outro servirá para que, ao ser comido, os índios absorvam a sua valentia e suas mais nobres qualidades.

Sobre essa finalidade, o tupi, após ter chorado e ao ser levado pelo velho pai de volta aos timbiras para que a honra indígena de sua tribo ainda seja mantida, só então o pai chora e considera-o digno de morrer.

Não podemos deixar de mencionar que o significado do nome I-Juca-Pirama (aquele que deve ou merece morrer) já é o início da base para compreensão do poema, entendemos que no decorrer dos versos ele é merecedor da morte e ao término, digno das tradições da sua tribo.

A trajetória de Gonçalves Dias, seus dramas e lamentos fazem-nos crer que toda bondade e generosidade aplicada à cultura indígena tem seus conceitos inspirados na teoria de Jean Jacques Rousseau (1712- 1778). No que diz respeito ao estado de natureza do nativo, tanto para Rousseau quanto para Dias este estado natural servirá para que a sociedade pudesse estabelecer formas de convivência adequadas para o convívio entre si. Estas formas de convivência estavam começando a se esgarçar e enfraquecer. Essa transformação favoreceu o rompimento de determinadas atitudes e convenções.

A cultura indígena impõe desafios aos pesquisadores que se propõem estudá-los. A falta de material escrito e fontes primárias disponíveis em determinados grupos é consideravelmente precários. Transformam-se no primeiro desafio, digo isto pela nossa dificuldade a priori em estabelecer a relação dos tupis com os timbiras, sendo estas duas tribos

citadas ao longo do poema, que aprofundaremos no decorrer deste artigo, abriremos espaço para submetê-las a um tratamento específico.

No poema indianista, Dias cita os tupis como rudes, severos, sedentos de glória e ávidos por vitória. E os timbiras a tribo de canibais que capturaram o jovem guerreiro. A coragem, na presença da morte do jovem guerreiro, é a peça fundamental para uma morte gloriosa e digna de honra. “Frisando ora a selvageria, ora a docilidade dos nativos, conforme o momento e o contexto, firmou-se uma leitura intencional dos documentos que contrapunha a malícia e a hipocrisia do europeu à simplicidade do índio” (Bosi, 2006, p.105).

De acordo com as pesquisas até mesmo da vida de Dias e almejamos entender de que forma teria se interessado e destinado esta tamanha dedicação a um povo desprovido de prestígio causado pela arrogância dos nossos colonizadores. Podemos inferir que o poema não pode servir como base a uma introdução da cultura destes povos, pois o poeta nascido numa vila em Caxias no Maranhão em 1823, época em que as tribos timbiras haviam sido conquistados, não chegou a ter em sua experiência cotidiana contato com estes povos, pois só os conhecia através dos livros de viajantes, deixando Dias a região muito moço. Dessa forma atribuiu aos timbiras costumes do litoral, de modo que no âmbito de suas leituras suas percepções com relação a estes, deu-se de forma e aspirações do meio urbano na qual ele próprio viveu.

Dada esta separação entre tupis e timbiras focalizaremos para uma distinção cultural e até mesmo descobrir se houve um ponto de interseção. Tendo com referência o estudo de Beatriz Góes Dantas intitulado “A tupimania na historiografia Sergipana”, publicado na década de 80, no qual critica a questão da generalização da tribo tupi sem fazer a necessária distinção dos povos fazendo uso de suas palavras. Por isso, nos explica a professora:

Tupi é o processo de fazer passar a parte pelo todo, e ao transformar-se o múltiplo em uno, ignorar-se a diversidade cultural e lingüística dos índios, os quais ainda hoje falam cerca de 170 línguas diferentes. (...) Considerando que estes são os povos da família lingüística tupi-guarani e, portanto, o tronco tupi, estamos diante de mais uma expressão da tupimania (DANTAS, 1987, p.39-47).

A estudiosa argumenta que o significado, inicial, é que as tribos dividiam-se em tupis e tapuias, o segundo significado de tapuias seria “bárbaro”, inimigo, e era assim que os tupis designavam os “outros” que falavam línguas diferentes das suas. Parafraseando com Beatriz (1987, p. 41): “O que não é tupi é tapuia, processo de classificação por exclusão”.

Mas à medida que se começa a estudar essas tribos e introduzi-los na historia da escrita, ao mesmo tempo os massacrando e tomando deles a autonomia de suas próprias sociedades onde o colonizador tenta infiltrar-se de qualquer maneira, de certa forma Dias pautava a imagem do índio cujo caráter e heroísmos são salientados a cada instante onde aprimoramos esta informação observando o léxico utilizado, apesar de um tanto moldado ao gosto romântico da época, característica dos poetas desta geração.

O índio é então redescoberto, a poesia de Gonçalves Dias transforma-se no maior movimento literário que colabora para a formação de um herói que prestigia a cultura indígena com sua visão onde cultivou com toda originalidade o lírico, o épico e o dramático.

Considerando as tribos citadas no poema I-Juca-Pirama, os tupis e os timbiras e fazendo uma comparação com a realidade dessas tribos, constatamos com as pesquisas serem os tupis uma generalização onde várias tribos teriam sido originadas dela sugerindo a hipótese de que nesse período colonial diversos povos teriam sido expulsos do litoral e feito suas migrações para outros pontos. Uma das questões das rivalidades entre os colonizadores e até mesmo entre eles seria marcado pelo conflito a posse da propriedade das terras dos índios onde estes seja de qual tribo for resistiam bravamente, sendo os índios mais nossos amigos do

que nós (colonizadores) seus. “Destinado às aldeias por instrumentos legais e disputados pelos regionais, a terra se constitui, durante o século XIX, sobretudo nas áreas de ocupação colonial mais antiga, no cerne da “questão indígena”. (Carneiro da Cunha, 1992).

Já os timbiras citados no poema pertence à família Jê, sendo povos que povoavam o cerrado a oeste, reconhecidos por serem bem mais homogêneos culturalmente e linguisticamente em seus subgrupos: os timbiras e os Akwi, mantendo contato com os povos do Nordeste Central. O fato é que de certa forma os tupis, durante a dispersão do litoral pela invasão dos colonizadores, entraram em contato com essas tribos, pois sua evasão do litoral os encaminhou para a costa.

Timbira também como os tupis não deixa de ser uma junção dos povos, sendo alguns dos seus subgrupos os: Apanyekrá, Apinayé, Canela, Gavião do Oeste, Krahó, Krinkatí, Pukobyê e Kukoikateyê, que vivem entre os Tembê e Guajajara geralmente são bastante distintos. Destes povos designam-se vários outros e destes outros, outros tantos já que nenhum estudo é aprofundado o bastante para sabermos quais tribos, quem são e quantas são. Sabemos de acordo com pesquisas que os timbiras falam uma só língua que recebe o próprio nome da tribo: a língua timbira, pertencente a família Jê, certamente como todo grupo lingüístico por regiões, com algumas diferenças dialetais entre si. Existe um dialeto, o dos Apinayé que mais divergem a cultura, localizando-se a oeste do Tocantins, são chamados de timbiras ocidentais em contraposição aos timbiras orientais. Mas apesar de distintos, os orientais não parecem ter dificuldade em comunicar-se com os ocidentais. Devemos atinar para o fato de que nos dias de hoje, em qualquer dos povos timbiras, os homens além da língua indígena falam fluentemente o português, já as mulheres mesmo quando não o falam entendem. Deixando alguns grupos até mesmo de falar a língua timbira e adotando o português.

Daí explica o fato de no poema Gonçalves Dias atribuir aos timbiras costumes e até nomes tupis.

A atividade econômica dos timbiras, acostumados com o gado e a caça, à medida que o sistema capitalista avança, diminui as tradições e passam a tirar o sustento a partir da negociação com as castanhas-do-pará e da atividade pecuária.

Não encontramos registros que tenham sido os timbiras uma espécie de canibais nem de rituais antropofágicos, ao contrário, vimos relatos de acordo de paz sendo descumprido ou não aceito e invasões aos timbiras que cada vez mais encontravam-se acossados pelos sertanejos. Além das epidemias dos brancos.

Sabemos ao certo de grupos locais que estabelecem uma chefia honorária, devido à aclamação de um integrante da aldeia ou de outra etnia estabelecendo uma relação cordial entre eles e proporcionando hospedagem de uns na aldeia dos outros.

Gonçalves Dias, ao tornar herói um ser nativo, usou suas habilidades de poeta para nos prender a sua obra e nos emocionar. Não focalizando as tradições de cada tribo, mas sim suas perspectivas indianistas que estavam em evidência no período romântico. I-Juca-Pirama foi uma grande contribuição para consolidar Gonçalves Dias o maior poeta indianista da nossa história Literária.

BIBLIOGRAFIA:

BOSI, Alfredo. História Concisa da Literatura Brasileira. 35^a ed. São Paulo: Cultrix, 1994. 528 p.

CÂNDIDO, Antonio; CASTELO, José Aderaldo. Presença da Literatura Brasileira: História e Antologia. Rio de Janeiro: 1997.

CÂNDIDO, Antônio. Formação da Literatura Brasileira. Belo Horizonte. Itatiaia, 1993.

COUTINHO, Afrânio. A Literatura no Brasil. São Paulo: Global, 1997. 355 p.

CUNHA, Manuela Carneiro. Antropologia do Brasil: mito, história e etnicidade. 2^a ed. Editora Brasiliense, São Paulo, 1987.

DANTAS, Beatriz Góis: Separata da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe: A tupimania na historiografia sergipana. n° 29, p. 3947, 1983-1987.

DIAS, Antônio Gonçalves. Poesia e Prosa Completas. Rio de Janeiro. Aguiar, 1998.

MOISÉS, Massaud. História da Literatura Brasileira: Romantismo. 8^a ed. São Paulo: Cultrix, 1999, 321 p.

NICOLA, José de. Literatura Brasileira: Das Origens aos Nossos Dias. São Paulo. Scipione, 1994.

PICHO, Luciana Stegagno. Literatura Brasileira: Das Origens a 1945. São Paulo: 1988.